

INVENÇÃO DE MEMÓRIAS E REINVENÇÃO DE IDENTIDADES

ANTÓNIO FERRO E AS «TRADIÇÕES»

José Augusto Maia Marques

Resumo:

António Ferro (1895 – 1956), o homem da «Política do Espírito», foi o ideólogo da matriz cultural do «Estado Novo».

Através do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), criado em 1933 e transformado em 1944 no Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), Ferro desenvolveu uma acção que se centrou à roda da cultura popular, nomeadamente intevindo em acontecimentos como romarias, arraiais e feiras, em estruturas como os grupos folclóricos e bandas de música e em organizações como exposições e comemorações. À volta de tudo isto criou grandes encenações não apenas para os estrangeiros, mas sobretudo para portugueses ver.

Os «restauros» a que alguns dos castelos portugueses foram submetidos, o embuste da recuperação do Paço dos Duques de Bragança em Guimarães, a reinvenção do uso do ouro e do traje minhoto no Romaria da Senhora da Agonia, o Galo de Barcelos como símbolo do Portugal que começava a «cantar de galo», são algumas das criações mais eficazes de Ferro. Mas muito mais houve, embora frequentemente de modo subliminar: publicação de textos (colectânea, lendas, histórias), ascensão de artistas, criação de estéticas cinematográficas, arquitectónicas, artísticas, foram alguns dos instrumentos da «política do espírito» de Ferro.

Para isso o SPN/SNI rodeou-se de artistas e intelectuais, que ou inventaram novas roupagens ou refizeram as existentes, travestindo abundantemente as nossas genuínas tradições.

É este movimento de invenção/reinvenção que se pretende trazer à discussão, elencando alguns dos resultados obtidos por Ferro e questionando as razões que fizeram com que muitas das suas invenções e reinvenções sejam hoje encaradas quase como «dogmas» da nossa cultura popular.

Palavras-chave: memória – invenção – Estado Novo – António Ferro